



Assembleia da União das Freguesias de Caparica e Trafaria

EDITAL 21/ 2018

Maria Evangelina Matos Pereira, Presidente da Assembleia da União das Freguesias de Caparica e Trafaria, torna público, que na Reunião da Sessão Ordinária referente ao mês de abril, realizada no dia 17 de abril de 2018, foi apresentada a seguinte Saudação pelos eleitos do Bloco de Esquerda:

SAUDAÇÃO AO 25 de ABRIL e 1º de MAIO

Comemoramos nesta Sessão ordinária da Assembleia das Freguesias de Caparica e Trafaria o 44º Aniversário do 25 de Abril, dia em que os militares saíram à rua para *restaurar a liberdade* e o povo pode gritar a plenos pulmões que era livre das amarras que a ditadura lhe impôs.

Na qualidade de eleito do Bloco de Esquerda cumprimento e saúdo todas e todos os presentes, ao mesmo que presto homenagem a todas e todos aqueles que durante décadas antes e depois do 25 de Abril de 1974, resistiram e resistem das mais diversas formas, afrontaram e afrontam em condições difíceis a arbitrariedade, a discriminação, a desigualdade, a injustiça e a prepotência.

A coragem, determinação, inteligência e vigor dos militares do Movimento das Forças Armadas no dia 25 de Abril de 1974, contaram com o apoio incondicional de amplos sectores da população que ao invés de ficarem em casa, saíram à rua para contribuir para o derrube do regime fascista. Muitos e muitas foram também aqueles e aquelas que resistiram e lutaram durante o longo período negro da história do século XX. A todos devemos uma justa homenagem.

Quarenta e quatro anos passaram sobre o dia que marcou o fim de ditadura política e social que importa não esquecer.

Evocar Abril (com todas as mudanças desde então ocorridas) implica não esquecer esses tempos tristes e cinzentos do passado; há quarenta e quatro anos Portugal travava uma guerra injusta em três frentes coloniais onde morreram milhares de jovens e muitos mais ficaram estropiados e com traumas prolongados.

As mulheres não tinham direito ao voto e ganhavam, em média, menos 40% do que os homens.

Existia a odiosa polícia política PIDE/DGS. Existiam presos políticos.

Existia a tortura como forma regular de proceder a interrogatórios e a morte de opositores do fascismo ocorreu não poucas vezes.

A censura castrava a cultura portuguesa, perseguindo todas aquelas e todos aqueles que almejavam a diferença.

Era proibido ter opinião e eram perseguidos todas aquelas e todos aqueles que a pretendessem manifestar. Muitos HOMENS e MULHERES conheceram as cadeias políticas desse tempo.

A taxa de analfabetismo rondava os 33% e a mortalidade infantil situava-se nos 38 por 1000.

Os direitos à educação, saúde e proteção social não eram UNIVERSAIS.

Estes são alguns dos factos que caracterizavam Portugal como um país autoritário e fascista, retrógrado e fechado no que dizia respeito ao desenvolvimento e direitos sociais.

Em famigeradas “conversas em família” Marcelo Caetano afirmava então numa televisão “a preto e branco” que “tinha acabado o tempo das vacas gordas”, pelo que havia que fazer sacrifícios.

Era uma situação....Inevitável!

Nas palavras do ditador a alternativa era o caos, a anarquia!

Assim se tentou intimidar os possíveis opositores e manter o país refém das suas políticas.

Mas, afinal, havia alternativa!

E não era o caos anunciado como o demonstraram todas aquelas e todos aqueles que construíram e fizeram o 25 de Abril de 1974.

Portugal foi um exemplo para o Mundo e renasceu das cinzas.

O ensino público prosperou reduzindo-se de forma exemplar o analfabetismo.

O serviço nacional de saúde foi implementado elevando Portugal, no que se refere à drástica redução das taxas de mortalidade infantil aos níveis mais elevados do desenvolvimento humano.

Generalizou-se o acesso a cuidados de saúde que se tornaram universais e próximos das populações.

Desenvolveram-se direitos de trabalho!

Foram generalizados os subsídios de férias e de natal.

Foram criados mecanismos de proteção no desemprego.

O Poder Local Autárquico, independente do Poder Central, afirmou-se levando ao desenvolvimento de um País marcado pelas desigualdades "campo/cidade".

A democracia local revelou-se propiciadora de desenvolvimento social, cultural e económico.

Minhas senhoras e meus senhores

Estamos a assinalar o 44º Aniversário do 25 de Abril numa altura em que passam 26 anos do falecimento de um dos homens que o tornou possível, o Capitão Salgueiro Maia que a história consagrou como o maior exemplo de coragem da REVOLUÇÃO de Abril de 1974. O Capitão sem medo.

Passaram 44 anos. Mas hoje é também tempo de lembrar o tanto que ainda há por fazer e sobretudo lembrar que a nossa democracia é ainda frágil e que nos cumpre a todos, a tarefa de a consolidar, todos os dias.

Portugal vive um momento crítico. O desemprego e a precariedade continuam na ordem do dia, os bancos já custaram às portuguesas e aos portugueses 13 mil milhões de euros (dados do INE); Portugal é assim o 5º país da União Europeia que mais pagou para salvar os bancos, entre 2006 e 2016, Portugal gastou o equivalente a 7% do PIB sendo assim os contribuintes quem pagam a fatura.

Em 2017 aconteceu a recapitalização da CGD em 2,5 mil milhões de euros um valor que foi entrar nas contas públicas não se sabendo ainda se conta ou não para o défice, logo se verá.....

Apesar da descida da taxa de desemprego para os 10% Portugal tem a 5ª taxa de desemprego mais elevada dos países do Euro.

Na situação política, económica, financeira e sobretudo social que vivemos, ganha nova pertinência a mensagem de esperança e de luta por um futuro melhor que o 25 de Abril representou para muitos e muitas.

Hoje é cada vez mais necessário relembrar que as inevitabilidades não existem e que o futuro terá de ser aquele que soubermos construir.

Em DEMOCRACIA não há inevitabilidades, há sempre alternativas!

4
23

O Bloco de Esquerda reafirma que estará sempre ao lado de todos e todas os que, ao celebrarem o 25 de Abril e o fim do fascismo em Portugal, se propõem lutar pelos valores e ideais que então marcaram aquela data.

Continuaremos a entender tal como a Constituição da República o consagra, que mulheres e homens têm direitos iguais e que devem ser remunerados de forma igual se a tarefa que desempenham o for também e que ninguém pode ser perseguido, prejudicado ou discriminado em função do território de origem, religião, língua, cor da sua pele, sexo, convicção política ou ideológica, instrução, situação económica, condição social ou da sua orientação sexual.

Continuaremos a ser voz daquelas e daqueles que sabem que entre marido e mulher temos mesmo que “meter a colher” se quisermos contribuir para acabar com as dezenas de mortes que todos os anos ocorrem por todo o país, vítimas de violência doméstica.

Continuaremos a ser voz daquelas e daqueles que não aceitam um trabalho mal remunerado conseguido através duma qualquer empresa de trabalho temporário, pago a recibo verde, de estágios mal justificados ou mesmo de quem se revolta contra quem pretende transformar em trabalho voluntário o que tem que ser, obrigatoriamente, considerado como trabalho com direitos.

Reivindicaremos um investimento público que crie emprego e apoie a fixação das populações, em particular de uma geração qualificada de jovens que não queremos ver sair do país.

Pugnaremos pelo apoio do Estado (Governo e autarquias) aos projetos e agentes culturais (Associações, Grupos de Teatro, Museus, Músicos, Artistas Plásticos, Artesãos), de modo a valorizar social e economicamente as potencialidades das atividades criativas das populações e o imenso património natural, histórico e cultural de Portugal, especialmente das regiões do interior.

Assim será verdadeiramente evocado e celebrado em cada momento e em cada luta o 25 de Abril.

A realidade que vivemos hoje, obriga cada mulher e cada homem, mais jovens e menos jovens, com ideias de LIBERDADE e de JUSTIÇA SOCIAL a recordar o 25 de Abril de 1974 não como uma data do passado com um conjunto de promessas não cumpridas, mas como uma força que nos conduz inevitavelmente a lutar por um futuro melhor para os nossos filhos e netos.

Felizmente como dizia Zeca Afonso “o povo é quem mais ordena”. 31 Anos depois da morte do Zeca, que se cumpriram já este ano, não aceitaremos que seja de outra forma. Não há outro dono da democracia para além do povo.

E o povo que fintou o seu destino amargo com o 25 de Abril é o mesmo que decidiu não mais se vergar aos sacrifícios constantes da austeridade e não se condicionar a qualquer inevitabilidade.

Foi essa esperança que criou Abril. Mas há tantos sonhos, tantos valores, tantas promessas ainda por cumprir!

- Saudamos os direitos, liberdades e garantias consignados na Constituição da República Portuguesa;

- Saudamos o 25 de Abril e o 1º de Maio em defesa de condições de vida com dignidade, do combate à precariedade e do direito ao trabalho;

- Exortamos os cidadãos da Caparica e Trafaria e de todo o concelho de Almada à participação nas comemorações do 25 de Abril e do 1º de Maio e no prosseguimento da luta por um futuro com dignidade, paz, pão, habitação, saúde, educação e justiça.

- VIVA O POVO QUE É O SOBERANO EM DEMOCRACIA!

- VIVA A DEMOCRACIA!

- VIVA A LIBERDADE!

- VIVA O 25 DE ABRIL!

Para conhecimento geral se publica o presente Edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do estilo.

Caparica, 18 de abril de 2018

A Presidente


(Maria Evangelina Matos Pereira)